



**O romance *A Rainha Ginga*: a problemática do catolicismo português e da crença cultural nos reinos Ndongo e Matamba**  
**The Novel *A Rainha Ginga*: The Problematic of Portuguese Catholicism and Cultural Belief in the Kingdoms of Ndongo and Matamba**

Soriba Diakhaby <sup>1</sup>

**Artigo recebido em:** 12/06/2023

**Artigo aprovado em:** 27/03/2024

**Resumo:** Este artigo é fruto dum capítulo da dissertação de mestrado e pauta-se na literatura de ficção angolana, trabalhando sobre a narrativa *A Rainha Ginga* (2014), de José Eduardo Agualusa, como objeto de pesquisa. Partindo da leitura crítica do livro, o objetivo é estudar a problemática do catolicismo português e da crença culturais nos antigos reinos Ndongo e Matamba no período colonial em Angola no século XVII. Trata-se de analisar a vivência colonialista fabulada pelo escritor Agualusa de dois povos de religião e crença diferentes, a saber, portugueses colonizadores-evangelistas e angolanos<sup>2</sup>, assim como as divergências, convergências e influências resultantes dessa história colonial luso-angolana. A fundamentação teórica apoia-se nos trabalhos dos autores José Rivair Macedo (2013), Flavia Maria de Carvalho (2011) e dialogando com os pesquisadores Ana Claudia Santos Camerano (2018), Edgleice Santos da Silva (2018), Jéssica Pereira Gonçalves (2019), Aline e Helena Ferreiras (2019), Luara Pinto Munizzi (2016).

**Palavras-chave:** Religião; Crença; Literatura; *A Rainha Ginga*; José Eduardo Agualusa

---

<sup>1</sup> Soriba Diakhaby é doutorando (em cotutela) em Letras (estudos literários) na Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Laval (Ulaval) - Quebec, Canadá. Mestre em Letras (estudos literários) pela Universidade Federal de Espírito Santo (UFES)- Brasil. Graduado (Licenciatura 3) em Letras Português pela Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar (UCAD)- Senegal. Colaborador estrangeiro do grupo de pesquisa: GEPHADA (Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e Diáspora Africana) da Universidade federal de Sergipe- Brasil. Estudante no grupo de pesquisa Literatura, Soberania nacional e multipolaridade: Machado, Barreto, Graciliano, Julião e Ivan Ângelo, da Universidade Federal do Espírito Santo. Adquiriu conhecimentos nas áreas de letras, línguas e Artes, especialidades: literaturas lusófonas africanas; Literatura e Civilização portuguesa.

<sup>2</sup> Denominamos de angolanos, os habitantes dos reinos Ndongo e Matamba que eram antigos reinos do atual Angola, pois a narrativa destaca de maneira geral a resistência e os aspetos culturais de muitos povos reunidos em Ndongo e Matamba sob o poder e liderança de Ginga Mbandi (Rainha Ginga).



**Abstract:** This article is the result of a chapter of the master's thesis and is based on Angolan fiction literature, working on the narrative *A Rainha Ginga* (2014), by José Eduardo Agualusa, as the research object. Starting from a critical reading of the book, the objective is to study the problems of Portuguese Catholicism and cultural beliefs in the ancient Ndongo and Matamba kingdoms in the colonial period in Angola in the 17th century. It is about analyzing the colonialist experience fabled by the writer Agualusa of two peoples of different religion and belief, namely, Portuguese colonizers-evangelists and Angolans, as well as the divergences, convergences and influences resulting from this Angolan-Portuguese colonial history. The theoretical foundation is based on the work of authors José Rivair Macedo (2013), Flavia Maria de Carvalho (2011) and in dialogue with researchers Ana Claudia Santos Camerano (2018), Edgleice Santos da Silva (2018), Jéssica Perreira Gonçalves (2019), Aline and Helena Ferreiras (2019), Luara Pinto Munizzi (2016).

**Key-Words:** Religion; Belief; Literature; Queen Ginga; José Eduardo Agualusa



## Introdução

A escravidão no continente africano, além de ser uma invasão ilegal com sua forma de vassalar os Estados e traficar os corpos, atos que muitos pensadores julgam como crime contra a humanidade, deu lugar à colonização e o colonialismo cujos processos históricos são escritos ora de maneira subjetiva e arbitrária por alguns historiadores e escritores europeus<sup>3</sup>, ora extinguindo os eventuais efeitos ou ocultando e omitindo a resistência dos subjugados no contexto da escrita da história universal.

A literatura ou escrita do período colonial foi dominada pelo invasor, que escreveu os acontecimentos a seu favor, com o seu ponto de vista preconceituoso, falsificando a história dos subjugados ou adversários para justificar a ilegalidade e a necessidade de colonizar de todas as formas, seja territorial, seja espiritual ou religiosa. São escritos que tanto reputam os povos e os líderes resistentes dos subordinados de forma negativa, quanto difamam as crenças de culto e as tradições, impondo o catolicismo europeu por meio da Igreja católica, vetor fundamental do colonialismo.

A literatura pós-colonial, ficcional ou não, surge na contramão, escrevendo uma nova versão do processo da colonização e da evangelização ocorrida nos reinos de África e mostrando que foi bem mais complexa do que mostraram os escritores europeus, já que ela destaca as consequências desse contato no contexto político, religioso. No âmbito da reescrita do processo de colonização do século XVII em Angola, José Eduardo Agualusa usa a ficção para destacar as resistências à colonização no que diz respeito aos cultos e à espiritualidade dos povos nos reinos do Ndongo e Matamba. Autor de várias peças de teatro e diversos romances, destacam-se *O Vendedor de Passados*, *Barroco Tropical* ou *Um Estranho em Goa*.

O nosso trabalho analisa o seu romance *A Rainha Ginga*, lançado em 2014 em Lisboa e subintitulado “e de como os africanos inventaram o mundo”. A narrativa foi editada pela Quetzal Editores, composta por dez capítulos seguidos de epílogos; o enredo é narrado pela voz da personagem Padre Francisco José de Santa Cruz. É um jovem padre brasileiro, mestiço de índio e português, que chegou a Luanda no serviço da coroa portuguesa e da Igreja católica, e logo foi enviado ao reino “Ndongo” para assumir a dupla função de “Padre” e de “Secretário” de Ginga Mbandi, irmã de Ngola Mbandi, soberano do Ndongo, nos idos de 1620.

Fundindo elementos ficcionais e reais, a obra é escrita na perspectiva da contranarrativa, destacando a trajetória ocultada pelos escritores europeus de uma mulher real e poderosa que viveu

---

<sup>3</sup> Ver CAVAZZI, João António. "Descrição dos três reinos do Congo, Matamba e Angola." Editado por Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar 2 (1965).



em Angola, num tempo e espaço em que as mulheres sofriam muito com o sistema patriarcal europeu marcado pelo machismo. Igualmente, Agualusa enfatiza no romance o processo complexo da expansão da fé cristã, mostrando as vicissitudes dessa tarefa liderada pela Igreja Católica, cujos padres ou chefes religiosos tiveram suas ações negativas são ficcionalizadas. Nesse sentido, trata-se de fabular o confronto entre o catolicismo português e as crenças tradições dos habitantes locais, que não hesitaram em conservar suas crenças religiosas e em defender seus valores tradicionais, tal como o fez a rainha “Ginga Mbandi”.

O autor escreve essa narrativa inspirado na versão histórica do colonialismo nos reinos de África central, como comunicou na seguinte passagem presente na página de agradecimentos do livro: “Para escrever este romance recorri a um considerável número de obras, entre trabalhos académicos, textos de divulgação histórica e testemunhos da época”.<sup>4</sup> Ele evoca tanto a crueldade da escravidão no Brasil, quanto a dramática história da África/Angola, enfocando o destino de uma rainha e recriando a contribuição dos africanos na construção da história mundial.

O estudo desta narrativa permite ver as principais opiniões, as influências religiosas, ideologias e conceitos introduzidos através das personagens Rainha Ginga, Padre Francisco José de Santa Cruz, Cipriano Gaivoto, Domingos Vaz e Muxima, cujas representações serão analisadas neste texto. Sobre a importância deste trabalho, a pesquisa contribuirá para a percepção de como os portugueses usaram o catolicismo para aculturar os angolanos no século XVII para fins coloniais, assim como a resistência desses últimos para a preservação de suas crenças culturais e tradicionais, mostrando influências, divergências e convergências entre os colonizadores e nativos. Em relação à metodologia de trabalho, examinaremos vários textos, seja no campo da literatura e da história. Para isso, optamos pelo método analítico e dedutivo, que deduz os fatos observados nas regras gerais, possibilitando entender de maneira mais clara a problemática da religião e da crença nesses reinos durante o período colonial em torno da figura das personagens listados em cima. É importante ressaltar, porém, que nosso trabalho não pretende analisar o romance em sua totalidade, mas apenas compreender como as personagens da narrativa aparecem como índices da construção de identidades relacionais que podem ser associadas ora a discursos coloniais, ora a discursos pós-coloniais para atender o objetivo da pesquisa.

### **O romance *A Rainha Ginga*: a problemática da religião e da crença cultural**

---

<sup>4</sup> AGUALUSA, José Eduardo. A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo. Portugal: Quetzal, 2014, p.279



A África é um dos continentes que contém hoje cinquenta e quatro países com religiões, crenças e tradições diferentes. Um continente que era, antes da chegada dos colonizadores, independente no plano geopolítico, espiritual ou religioso. Logo, esse continente cosmopolita será objeto de invasão por alguns países da Europa com o objetivo de colonizar, escravizar e comercializar pessoas negras, usando a expansão da fé cristã e da suposta civilização como dispositivos de submissão, como subentendemos na citação de Maria Flavia Carvalho:

Durante o período da União Ibérica (1580-1640) as possessões coloniais portuguesas foram governadas pelo Conselho de Portugal – instituição sediada em Madri, que posteriormente teve suas atribuições transferidas para o Conselho Ultramarino. Nesse período a política filipina discursava sobre a importância das atividades missionárias junto às almas pagãs dos africanos, e defendia o estabelecimento de contatos pacíficos com as autoridades africanas. Nas entrelinhas dessas intenções identificamos nos ideais evangelizadores do resgate uma excelente oportunidade para a obtenção de escravos destinados aos mercados atlânticos. Os tratados teológicos procuraram durante todo o período escravista justificar e normatizar a captação e o cativo africano.<sup>5</sup>

Com o decorrer do tempo, esse espaço africano foi dividido e invadido pelos europeus. Como se vê no trecho acima, foi muito forte a contribuição do teologismo europeu nesse processo de dominação e exploração dos africanos. Assim, o que nos interessa é a África Central, particularmente Angola.

Angola, como todos os países de África, antes da chegada dos europeus, geopoliticamente era constituído de reinos. “N’gola”, topônimo de atual Angola, era o nome do primeiro rei do reino “Ndongo” no tempo pré-colonial, vizinho e aliado dos reinos de Matamba e Kongo, e juntos combateram a presença portuguesa nessa zona. Os três reinos com suas realidades, tradições, e crenças foram invadidos por Portugal no âmbito do tráfico humano, da expansão territorial e religiosa, com o auxílio do Vaticano (Roma, Itália), que despachou a companhia dos jesuítas e os capuchinhos, para levar a civilização, visto que consideravam a gente daquele espaço como bestas, pagãos. Como assevera o narrador em *a rainha Ginga*, a primeira entrada dos Franciscanos no século XV na Etiópia Ocidental que incluiu os três reinos:

foi isto no Reino do Sonho, ou Soyo, talvez na mesma praia que lá pelos finais do século XV viu entrar Diogo Cão e os doze frades franciscanos que com ele seguiam, ao encontro do Mani-Soyo — o Senhor do Sonho. A mesma praia em que o Mani-Soyo se lavou com a água do batismo, sendo seguido por muitos outros fidalgos da sua corte. Assim, cumpriu Nosso Senhor Jesus Cristo a sua entrada nesta Etiópia ocidental, desenganando o pai das trevas. Ao menos, na época, eu assim o cria.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> CARVALHO, Flávia Maria. *O Reino do Ndongo no Contexto da Restauração: Mbundus, Portugueses e Holandeses na África Centro Ocidental*. Sankofa (São Paulo), v. 4, n. 7, p. 7-28, 2011., p.18

<sup>6</sup> AGUALUSA, 2014. Op.cit, p.13.



De realidade histórica à ficção, o personagem-narrador descreve o primeiro contato entre os reinos de África Ocidental e os missionários católicos. Com efeito, como insinuou o narrador, os franciscanos encontravam nessa zona povos que cultuavam livremente os ancestrais no Reino de Sonho. Esse tipo de culto será logo objeto de difamação, com o narrador apresentando a chegada dos portugueses como uma representação da chegada de Jesus Cristo para libertar o pai das trevas, falando de Mani-Soyo, o Senhor do Sonho. A denominação precisa de Mani-Soyo, como Senhor do Sonho, suscita novos pensamentos sobre a existência das crenças na Etiópia Ocidental, como, por exemplo, o Senhor de Água, de Ferro, de Terra. Crenças em divindades que certamente adotam vários caminhos e práticas diferentes do catolicismo, mas que tem a mesma finalidade que é a adoração de um grande Senhor Deus. Com efeito, o romance mostra que os povos encontrados nos reinos do Ndongo e da Matamba não deixaram pisotear sua soberania, destruir suas tradições, desvalorizar suas crenças, conforme as reflexões dos pesquisadores: “[...] o processo de colonização portuguesa em Angola encontrou grande resistência da população local que lutavam por suas crenças e tentavam garantir intacta a história de seus antepassados.<sup>7</sup> Então, começou a luta anticolonial, em que muitos reis e rainhas de maneira sucessiva e temporal não hesitaram em defender seus povos e preservar seus cultos.

Em *A Rainha Ginga*, Agualusa ficcionaliza, o caso da rainha Ginga Mbandi, que lutou no seu tempo contra os portugueses para preservar as tradições e as crenças do povo que hoje denominamos de angolanos, pois ela liderou muitos povos que não foram necessariamente de sua etnia (ambundo).

Para entender a problemática da religião e da crença a partir da leitura crítica da narrativa *A Rainha Ginga*, é necessário analisar os discursos, os pensamentos individuais ou coletivos das personagens, suas crenças para perceber os principais fatores divergentes e convergentes. Nessa perspectiva, começamos pela revisão do contexto histórico da expansão do catolicismo para os sertões de Angola. Segundo Macedo:

[...] os jesuítas tinham se instalado em Luanda no final do século XVI, e sua missão evangélica esteve desde muito cedo vinculada ao ensino. As aulas na escola primária começaram em 1604, e constituem o ponto de partida da formação do Colégio de Luanda. Em 1625 abririam um novo colégio, dessa vez em São Salvador do Congo, com dois ou três religiosos.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Santos, Atenor J.P., Lourêdo, Gabriela F. e Souza, Heloizka K. “Exploração portuguesa na África colonial: cristianismo como forma de dominação e estratégia política dos reis africanos.” *VIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. ANPUH BA, FEIRA DE SANTANA, 2016*, p.1

<sup>8</sup> MACEDO, José Rivair. *Jagas, Canibalismo e "Guerra Preta": os Mbangalas, entre o mito europeu e as realidades sociais da África Central do século XVII*. História (São Paulo), v. 32, p. 53-78, 2013., p.71



O ensinamento era o fator da expansão do catolicismo, já em volta do reino Ndongo, precisamente no reino vizinho Luanda, vinte e um anos antes da ascensão de Ginga Mbandi ao trono, começou a evangelização. Ainda segundo Macedo, grandes possibilidades de evangelização se apresentaram aos missionários, pois em Ndongo estariam as pessoas mais predispostas da África a receber a nova fé.<sup>9</sup> Partindo da versão da literatura de ficção, através do estudo do romance *A rainha ginga*, essa invasão católica no reino não homogeneizou a adoção do catolicismo no tempo da personagem Ginga Mbandi, que resistia com o seu povo à opressão católica, como testemunhou o narrador Padre no romance:

Cheguei num momento de insídia e inquietação, estava o reino dividido, umas fações contra os portugueses e outras a favor; umas contra a Igreja e contra os padres, que acusavam de destruir as tradições indígenas, o que era certo, e outras defendendo a rápida cristianização de todo o reino. Também os irmãos jesuítas se não entendiam. Logo descobri que à maior parte destes religiosos apenas interessava o número de peças que podiam resgatar e enviar para o Brasil, encontrando-se ali mais na condição de comerciantes da pobre humanidade do que na de pastores de almas. Poucos agiam com verdadeira misericórdia e caridade para com aquele infeliz gentio que, afinal, nos cabia instruir e converter.<sup>10</sup>

Em Ndongo, reino onde o processo de conversão ao catolicismo foi atrapalhado por várias causas, quais sejam, mal entendimento entre os padres e desacordo entre povos no reino, notam-se as divergências entre a Igreja Católica e a população local. Assim, pela citação acima, entende-se de maneira satírica que a evangelização deixou de ser a única preocupação dos religiosos: uns correram atrás das oportunidades, outros ficaram fiéis às missões. As pretensões missionárias não estavam interligadas com teorias, teologias ou mesmo com um impulso evangelizador. As bases da missão, pelo menos para os jesuítas da época, eram políticas e comerciais. E isso se demonstraria na disposição com que igrejas e mosteiros eram construídos.<sup>11</sup> Pela reflexão de Edgleice Santos, entendemos que, os jesuítas, após estudarem o espaço anteriormente, conhecendo todos os lugares lucrativos, construíam igrejas para ter acesso pleno ao espaço e os recursos humanos. A construção das supostas casas de Deus camuflava suas pretensões exploradoras. No entanto, ciente dos comportamentos ilegais e desumanos, o Papa Gregório XV criou a Propaganda Fide para regularizar a atuação dos portugueses e da Igreja Católica na África central, particularmente em Angola, como esclarece Carvalho:

No ano de 1622, o papa Gregório XV criou a Propaganda Fide, instituição que defendia o fim do exclusivismo português nas atividades missionárias. Eram favoráveis à abertura dos trabalhos de evangelização para outras ordens religiosas,

<sup>9</sup> MACEDO, 2013, op. cit., p.72

<sup>10</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit. p.25-26

<sup>11</sup> Silva, Edgleice S. “Mundos que se entrelaçam: religião e política na África Centro Ocidental (século XVII).” Universidade Federal de Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado, 2018. 2018, p.50-51



contrariando dessa forma os interesses da Companhia de Jesus. Esse conflito evidenciava os atritos entre a Coroa portuguesa e o Vaticano, e teve desdobramentos decisivos para história da África Centro Ocidental, evidenciando as alianças entre os poderes locais e os membros religiosos, muitas vezes defensores dos interesses de seus países.<sup>12</sup>

Nesse prisma, Lacerda<sup>13</sup> pensa que ambas as entidades, a política e a religiosa, são retratadas em suas fraquezas e vícios, de modo que nós, leitores, assistimos à desconstrução histórica pela ficção, revelando-nos a verdadeira face de duas entidades que, no nosso imaginário, pareciam ser instituições, pelo menos burocraticamente, exemplares. Da mesma forma, a partir de histórias individuais, de fragmentos de vida, de episódios soltos, é retirada a máscara de uma sociedade conflituosa.

Nessa situação, voltando à narrativa, entendem-se críticas contra os representantes da igreja católica, que não tinham objetivo claro e fixo nesses reinos, o que resultou no fim da evangelização exclusiva dos portugueses, criando uma situação de cisma entre o Vaticano e a Coroa portuguesa, ambos à procura de dominação absoluta exclusiva, como afirma Carvalho. Também, os nativos no reino Ndongo encontraram-se em divergência no que diz respeito à tentativa de “conversão de todo o reino”, conforme a teoria do narrador Padre José.

No que diz respeito a personagem Ginga Mbandi, ainda embaixadora do seu irmão-rei, ela exibiu totalmente a sua posição reticente frente ao adversário português. Ao primeiro contato com o Padre José, ela refutou toda conexão com o catolicismo europeu e não hesitou em manifestar seu desinteresse quando ela trocou palavras com o narrador Padre José enviado pelo governador do Portugal Luís Mendes de Vasconcelos para ser o secretário dela. Para tirar suas dúvidas, conforme o narrador, Ginga Mbandi:

quis saber se eu estava ali com o propósito de a servir como secretário e como conselheiro, conforme lhe havia sido prometido pelo governador português, Luís Mendes de Vasconcelos, ou antes para — com malícia — a converter à fé de Cristo, pois bem via pelas minhas vestes ser eu um padre. Ela pedira um secretário, não um sacerdote.<sup>14</sup>

Ela proclamou oficialmente que “toda a sua fé se achava naqueles adereços, e num cofre, a que os abundos chamam *mosete*, onde guardam os ossos dos antepassados”.<sup>15</sup> Entendemos pela citação precedente que Ginga teria sido adepta de seus antepassados que cultuou plenamente por meio

<sup>12</sup> CARVALHO 2011, op. cit., p.19

<sup>13</sup> Lacerda, Wanilda Lima Vidal de. O olhar de Pepetela sobre Angola. João Pessoa, 2007. Tese (Doutorado): Universidade Estadual da Paraíba. Pós-graduação em Letras.

<sup>14</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.15

<sup>15</sup> Idem, p.16



de algumas relíquias, ato que ultrapassa o entendimento do narrador José Francisco. Personagem-narrador, que Luara Pinto Minuzzi contesta seu protagonismo na narração do enredo e pensa que:

Para contar a vida e as conquistas da rainha africana a partir de uma perspectiva diferente da oficial, Agualusa poderia ter escolhido a própria Ginga como narradora ou algum outro africano seu súdito. Não é isso o que o escritor faz: quem nos narra as peripécias da soberana é um padre a serviço da coroa portuguesa – e, com isso, poderíamos pensar que o autor angolano elege o ponto de vista dos europeus brancos, mas, novamente, o romance mostra-se mais complexo do que isso.<sup>16</sup>

Igualmente, Gonçalves afirma:

A escolha desse personagem narrador contribui para a criação da contranarrativa historiográfica, visto que ele representa uma união de muitos povos: o brasileiro, o africano e o europeu, é um mestiço, e se torna uma voz que denuncia as atrocidades causadas pela igreja, ou seja, a narrativa surge pelo relato de alguém que se opõe ao discurso histórico e apresenta uma nova perspectiva do relato da nação, tendo como objetivo enaltecer a grande figura de resistência dessa nação: a rainha Nzinga Mbandi.<sup>17</sup>

De acordo com os autores destacados, se o escritor ficcionalizou Angola como espaço resistente pelas lutas duma rainha angolana, seria perfeito dar palavra à própria Ginga, que conhece mais do que qualquer pessoa sua própria vivência. Isso faria a diferença, visto que em muitos livros a história de Ginga ou mesmo de Angola é contada pelos autores europeus com muitos preconceitos e estigmatizações. Portanto, de um lado, a anotação do sincretismo e das influências religiosas e culturais no romance justificaria a necessidade de dar voz a um outro que se identificou primeiro com a fé diferente daquela de Ginga; de outro lado, como disse Gonçalves, o narrador é escolhido, porque é capaz de assumir o papel de árbitro no sentido em que ele é construído também por escritor como a voz de diáspora na história luso-angolana. Todavia, na narrativa, as discussões das personagens, a saber Domingos Vaz e Padre José de Santa Cruz, todos o serviço da Rainha Ginga, exaltaram preconceitos sobre algumas cerimônias e “superstições” da localidade, quando o narrador declarou que seu interlocutor:

Domingos Vaz narrou, com preciosa soma de detalhes, algumas das cerimônias e superstições gentílicas a que assistira. Senti, escutando-o, que estava entrando em pleno Inferno e enchi-me de terror. Tantos anos decorridos, olhando sobre os meus débeis ombros para o alvoreço do passado, sei não serem tais práticas mais diabólicas do que tantas outras de que eu mesmo fui testemunha no seio da Igreja Católica. Violências, injustiças, infundáveis iniquidades, que a mim se me afiguram ainda mais

<sup>16</sup> Minuzzi, Luara Pinto (Resenha): “AGUALUSA, José Eduardo. A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo”. Rio de Janeiro: Foz, 2015. 236 p. *Navegações*, v. 9, n. 2, p. 200-202, 2016. p.200

<sup>17</sup> GONÇALVES, Jéssica Pereira. *Releituras dos primórdios da colonização de Angola nos idos do século XVII em A rainha Ginga, de Agualusa e a Sul*. O sombrero, de Pepetela. Universidade Federal da Paraíba: Tese de Doutorado, 2019, p.29



torpes do que as cometidas pelos ímpios, pois se aqueles ignoram Deus, os cristãos erram em nome Dele.<sup>18</sup>

Essa conversa cheia de preconceitos e estereótipos aludem aos pensamentos colonialistas que demonizaram as práticas dos cultos locais. O padre José, ainda com espírito cristão, imaginou o lugar desses praticantes de cerimônias como o “inferno” e, no entanto, admitiu ter assistido também a outras formas de pecados cometidos no seio da Igreja Católica. Entendemos sua reflexão como uma crítica aos povos nativos, que ele considerou ignorantes de Deus, e aos cristãos, que estão com o grande Senhor. Porém, é possível afirmar que o narrador do romance de Agualusa não possui nação ou identidade muito bem delineada, tendo, como herança, sangue de diversos povos – o que o transforma em um observador menos parcial: ele é capaz de enxergar os pontos positivos das práticas culturais do reinado de Ginga e da personalidade da mulher, por não ser um português extremamente crente da santidade da empreitada colonial e da primitividade dos negros; por outro lado, ele igualmente pode perceber aqueles aspectos negativos por não ser um africano e não estar preso às tradições.<sup>19</sup> Isso justifica ainda o papel arbitrário que ocupa na narrativa.

Luara Pinto, na análise dessa citação da narrativa, afirma que:

[...] não só os vocábulos “inferno” e “terror” apontam para o preconceito bastante comum na época, que colocava a África como um lugar onde habitariam seres horrendos, distantes de Deus e do caminho correto. Também a escolha pelo termo “superstições” para designar as crenças e ritos dos africanos evidencia o movimento no sentido de rebaixar e inferiorizar suas práticas e costumes. De um lado existiria a fé católica, uma crença legítima, elevada, positiva; de outro, as tradições dos negros, superstições diabólicas, ilegítimas e negativas, sendo necessário, dessa forma, convertê-los e tirá-los do pecado. A colonização seria, portanto, uma prática visando o bem dos colonizados.<sup>20</sup>

Pinto destaca que o discurso do Padre Fernando José insinua a procura por uma justificação para legalizar sua missão de expandir a fé em Cristo e por isso estabelece uma comparação subjetiva e arbitrária entre as crenças locais e as europeias, negando a legitimidade das práticas culturais tradicionais de Angola.

Na narrativa, o escritor ficcionaliza uma postura ambígua do Padre José, que ainda não assumiu sua posição. Assim, a sua fala ou narração tem que ser analisada com cuidado, sobretudo quando ele revela sua afinidade com a personagem Domingos, que lhe contaria alguns aspectos de costumes das pessoas nativas que ele designa pejorativamente de “gentios”. Com efeito, segundo o narrador Padre, quando Domingos Vaz imaginou o desejo dele para com a personagem Muxima,

<sup>18</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.16

<sup>19</sup> MUNIZZI, 2016, op. cit., p.200

<sup>20</sup> Idem, p.201



Domingos Vaz disse “ser costume nos sertões de Angola oferecer uma das mulheres, de modo geral a mais nova, aos forasteiros, ou a alguém por quem se nutra particular afeto.”<sup>21</sup> E assim Domingos autorizou o camarada (Padre José) que podia deitar-se com ela, a sua mais nova esposa de nome Muxima, se tal fosse o desejo dele. E o Padre replicou: “Recuei, com horror. Como podia propor-me tal abominação, sendo a moça sua esposa — ainda que apenas segundo os rituais gentílicos — e eu um servo de Deus?”<sup>22</sup> O padre revela também que, “quanto à batina, sabia ele de muitos padres que se deitavam com mulheres, com elas procriando, e até, em muitos casos, criando e educando essa descendência como se fosse legítima. — O Deus dos Cristãos está muito longe — acrescentou Domingos Vaz. Ouvindo-o, estremecei.”<sup>23</sup>

Esses diálogos supracitados, tirados da narrativa devem ser analisados com espírito crítico, pois a existência ou a veracidade dessas afirmações ou fatos nos costumes tradicionais de Angola fica pendente: primeiro, visto que no decorrer da narrativa nenhuma outra personagem naturalmente de sertões de Angola confirmou a veracidade da declaração de Domingos Vaz; segundo, porque o ato é revelado e discutido só pelas duas personagens estrangeiras, todas provenientes de Brasil e com descendência parcial de homem branco, adversário dos habitantes locais do reino do Ndongo. No entanto, o narrador através desta parte da narrativa informa a crueldade dos religiosos europeus que sabotaram as crenças ancestrais e tradições em nome do seu Jesus Cristo, que nunca lhes permitia fornicar ou cometer adultério, como afirma o padre na citação precedente. Assim, pode-se imaginar que o cristianismo era apenas uma cobertura para alguns religiosos coloniais manterem ou favorecerem seus negócios individuais ou coletivos. Nesse sentido, o narrador pintou a hipocrisia e a falsidade dos religiosos europeus coloniais, que eram simultaneamente predadores sexuais, que se escondiam sob o nome de Deus e favoreciam o tráfico dos povos angolanos, conforme se vê a seguir:

Joana Gorjão Henriques (2016) deixa bem claro que os angolanos para além de serem vendidos como mercadorias também eram usados como moeda viva em troca de produtos, tudo isto com a conivência da Igreja Católica. Nos engenhos e fazendas, eram utilizados como mão-de-obra e tratados como animais selvagens: enjaulados, amordaçados, silenciados, mutilados, torturados (Sartre 1968). As mulheres eram subjugadas, violadas e martirizadas sistematicamente, como se verifica no romance: “Muitas vezes entrava de noite pela sanzala e, apanhando alguma infeliz a dormir, erguia-lhe a saia e lhe metia uma luz acesa pelas partes baixas, queimando-a barbaramente.”<sup>24</sup>

<sup>21</sup> AGUALUSA, op. cit., 2014, p.21-22

<sup>22</sup> Idem, 2014, p.22

<sup>23</sup> AGUALUSA, op. cit., 2014, p.22

<sup>24</sup> FERREIRA, Helena; FERREIRA, Aline. “A Rainha Ginga—o queer não se deixa colonizar.” *Moderna språk*, v. 112, n. 1, p. 153-164, 2018. p.154



Nesse trecho, Ferreira e Ferreira salientam as atrocidades cometidas pelos Padres. A teoria subjetiva da Igreja Católica qualificando a África cheia de bárbaros povos praticantes de ações demoníacas, contrariamente aos europeus e padres considerados mais humanos, mais próximos de Deus e civilizados, foi refutada e contranarrada pelo narrador, quando ele revela a crueldade dos homens europeus que tinham se declarado servos de Deus, mas que agiam contra as recomendações e ordens de Jesus Cristo.

As reputações negativas dos antigos reinos de Angola são desmontadas neste livro pela personagem Domingos Vaz que advogou a inexistência de demônio nos sertões de África: “antes da chegada de Diogo Cão não existia em África a figura do demo. Os portugueses trouxeram o cão nas caravelas. Melhor seria que o levassem de volta”.<sup>25</sup> Oposto à percepção eurocêntrica, o personagem-narrador clarificou que os portugueses introduziram a imagem de diabo na África, se referindo à palavra “Cão”, que é a personificação irônica do navegador português Diogo no sentido figurado de indivíduo mau, vil e perverso.

A narrativa *a Rainha Ginga* evoca que, nos reinos Ndongo e Matamba, os povos adoravam os antepassados, acreditavam na vivência dos ancestrais sob forma de espírito no mundo invisível e incluídos no seu cotidiano.<sup>26</sup> Então, viviam numa sociedade formada culturalmente com o culto dos ancestrais. A ancestralidade pode ser uma forma de legado material, imaterial e espiritual que permite a autoidentificação de um povo, de um grupo familiar, mas também ajuda a manter viva a memória e a herança cultural legadas pelos antepassados. Então, por essas razões, imploravam a Deus por nome dos ancestrais em qualquer situação. A sabedoria ancestral dos povos desses reinos e seus vínculos com o sobrenatural é apresentada pelo personagem Padre, missionário português, quando ele afirmou que os “gentios” cultuam os antepassados; “acreditam, à maneira dos antigos povos pagãos, que os mortos podem manifestar-se aos vivos sob a forma de animais, ou de plantas, ou até de impulsos da natureza, como o vento soprando entre os canaviais, a chuva caindo, um relâmpago abrindo o céu”.<sup>27</sup> Com efeito, a manifestação dos antepassados na vida dos vivos como salientou a personagem Padre José, tem uma grande significação, porque tanto anunciavam (antepassados) boas quanto más notícias, ou vinham fazer prevenção de acontecimentos do futuro. Essa conexão com os ancestrais e a interpretação de suas mensagens emanavam do nível de saber das pessoas culturalmente bem instruídas, como salienta o narrador no seguinte trecho:

[...] entre os gentios, homens que se reputam como magos, a que se chama quimbandas e pelos quais se mostra sentida veneração. Os quimbandas afirmam-se

<sup>25</sup> AGUALUSA, 2014, Op. cit. p.30

<sup>26</sup> Idem, Ibidem.

<sup>27</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.30



capazes de escutar e decifrar as vozes dos espíritos. Assim, O soba Ngola Mbandi, um quimbanda afamado, pois é frequente os reis, que tudo podem, serem também magos, viu revoarem nos céus os seus avós e escutou as suas queixas, enquanto eu apenas vi uma chusma de grandes pássaros negros enervando o azul vibrante. Acreditam nisto. Acreditam ainda em certas divindades que se ocultam sob as águas dos rios e dos lagos, às quais chamam quiandas, e que alguma semelhança me parece ter com as fabulosas sereias de que falei atrás. Não temem, contudo, nenhum ente que encarne o mal. — Por isso afirmei — disse Domingos Vaz, concluindo a sua pequena heresia — que o Diabo nunca terá caminhado por estes sertões.<sup>28</sup>

O culto ou a conexão com os antepassados é recorrente na narrativa e, embora tenha sido reputada ou qualificada de satânica por evangelistas, gerou efeitos por intermédio dos elementos de natureza que representam uma criação relevante na crença tradicional desses povos. Nessa perspectiva, a pesquisadora Carvalho esclarece que:

Os Ngolas tinham seu poder marcado pelo sobrenatural, seriam os grandes responsáveis por trazer a chuva. Sua função era estratégica para a manutenção da unidade do reino, mesmo quando para muitos sobas essa vertente mística era a única reconhecida. Para os mbundus o controle da natureza era uma atribuição do Ngola, relacionando essa prática ao dom de comunicação com os ancestrais, elemento estranho aos colonizadores portugueses, que precisaram de tempo para compreender a forte presença da ancestralidade e do componente mágico da figura real no processo de reconhecimento de seu soberano.<sup>29</sup>

Entende-se por esta citação que os adeptos da ancestralidade, por exemplo, os mbundus no reino Ndongo, acreditam na existência dos mistérios dos elementos naturais, sejam eles físicos, líquidos, vivos ou abstratos, e assim cultuam as divindades que a natureza contém e que podem lhes dar algum benefício ou ajudar em uma situação qualquer. No romance, observa-se o caso da presença dos grandes pássaros negros no reino de Ngola Mbandi, que seriam seus avós a reclamar a vingança contra os colonizadores. Também esse contato e culto das divindades dos elementos naturais evocados, como águas dos rios e dos lagos, garantiu a abundância de substâncias nutricionais ou alimentares no domínio da agricultura, da pesca e da caça, atividades dominantes nos reinos, conforme a narrativa. Domingos Vaz, a personagem estrangeira que morou muito tempo na Côrte de Ginga Mbandi, testemunhou e acreditou em resultados do culto das divindades naturais que protegeram os ditos quimbandas contra qualquer mal e concluiu que o Diabo nunca caminhara nos sertões da Angola, o que insinua que o Diabo, mesmo assim, é abominado nos reinos que formam hoje o estado de Angola.

<sup>28</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit. p.30-31

<sup>29</sup> CARVALHO, 2011, op.cit., p.11



A questão da religião e da crença nos antigos reinos de Angola na narrativa é mais complexa. Em análise aprofundada, sobressaem mais outros assuntos embutidos, como a questão da raça, baseando na citação seguinte. Com efeito, os lusitanos e missionários católicos combateram as tradições culturais dos nativos e, por consequência, conseguiram batizar massivamente os angolanos, propagando o pensamento de que o homem branco é o único servidor confiável e fiel a Jesus Cristo. No livro *a Rainha Ginga*, é ficcionalizada mais uma realidade, o pensamento de que o homem branco/europeu seria o mestre em todos os domínios, particularmente no seio da Igreja, criando, assim, a discriminação ou o racismo institucional/estrutural contra todos os futuros cristãos pretos que provavelmente seriam padres, como forma de garantir ao homem branco/europeu o lugar de liderança nas casas de Deus. Essa ideologia preconceituosa é encenada na narrativa, quando o narrador relata as circunstâncias de batismos, destacando a cor de pele do padre (padre branco) que batizou a Ginga Mbandi, ainda embaixadora de seu irmão, o “rei” Ngola Mbandi, de modo diferente daquele (o padre preto, Dionísio) que o governador português enviou para batizar o mesmo rei. O narrador diz:

Ao rei desgostara muito que lhe tivessem enviado um padre preto. Argumentava Ngola Mbandi que à sua irmã, a Ginga, a batizara um padre branco, e não um qualquer, senão um dos maiores, tomando como um insulto que lhe enviassem a ele o filho de uma das suas escravas.<sup>30</sup>

O narrador prossegue seu relato, desmontando o pensamento discriminatório e racista propagado por religiosos católicos para criar um sentimento de desconfiança e ódio entre os pretos nos reinos:

A cor da pele não diminuía o padre Dionísio no seio da Igreja, antes o agigantava, atendesse ele ao caso de São Benedito, preto, filho de pais mouros, porém siciliano de nascimento. São Benedito goza de enorme prestígio na Igreja, e até em Luanda o povo o cultua, através de uma delicada imagem que pode ser visitada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No Brasil é, e creio que continuará sendo durante os séculos vindouros, um dos santos mais venerados pelo povo. Além de São Benedito há também o brilhante exemplo de Santa Efigénia, de cor muito preta.<sup>31</sup>

É perceptível no romance, como o narrador contrariou o pensamento discriminatório e advogou a valorização do homem preto. Essa reflexão do narrador mostra até quando a cor e a raça não devem importar na casa de Deus, porque, tomando exemplo de São Benedito, um homem com progenitores mouros, certamente muçulmanos, também diferente da raça branca, tornou-se um famoso padre nas Igrejas católicas de Angola e no Brasil, igualmente a Santa Efigénia, de cor preta, que ganhou confiança enorme por seu trabalho e fidelidade para com o Jesus Cristo.

<sup>30</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.49.

<sup>31</sup> Idem, p. 50.



Percebe-se, através desta parte da narrativa, que o colonizador português aspirou a ser o referencial religioso e por isso tentou desconectar esses povos de suas crenças e tradições, a fim de criarem ideias de mestria/superioridade do homem branco frente ao preto no contexto religioso. Portanto, seguindo a análise profunda da narrativa, marcamos a questão do hibridismo religioso e cultural encenado por personagens de diferentes identidades. A narrativa mostra também que esse confronto entre portugueses e angolanos produziu consequências mais complexas. Pela narrativa, entendemos que o colonialismo português, nos reinos Ndongo e Matamba, não foi somente benéfico em favor dos invasores. Se, de um lado, os evangelistas conseguiram batizar um maior número de habitantes locais, aculturar os notáveis, de outro, o cristianismo perdeu filhos em favor das cultura e tradição dos povos habitantes desses reinos. Assim, a questão da identidade religiosa perdeu sentido, quando o líder ou representante da Igreja católica, um missionário do governo português, a personagem Padre José de Santa Cruz, que tinha missão de expandir a fé cristã, afastou-se de sua missão, influenciado pela cultura dos povos locais. Como aponta a própria personagem:

O padre Jerónimo estranhou a minha intimidade com a Ginga. Aconselhou-me a acompanhá-los no regresso a Luanda. Isto, acrescentou, lançando-me um olhar desconfiado, se eu fosse ainda um homem livre. Assegurei-lhe que sim, que me sentia senhor das minhas ações. Preferia permanecer na Quindonga, no meu ofício de secretário, e também para assistir a todos os que nos últimos meses haviam tomado as santas Águas do batismo. Jerónimo Vogado deve ter sentido a sombra da incerteza velando as minhas palavras porque voltou a enterrar nos meus os seus duros olhos de santo. Espetou um dedo áspero no meu peito e citou um dito ambundo: por muito tempo que um tronco permaneça no rio nunca se transformará num crocodilo.<sup>32</sup>

A longa permanência do Padre José no cortejo da rainha Ginga no cargo de secretário permitiu-lhe se acostumar à cultura local. Por conseguinte, aquele a quem a coroa portuguesa e a Igreja Católica confiaram a missão de transformar a identidade cultural do outro, tornou-se sujeito transformado. Padre José descarregou-se livremente de sua função religiosa e abraçou o seu status de secretário, proclamando ser “senhor de minhas ações”, o que significa que a Igreja deixou de ser a sua preocupação. Ao lembrar da opinião do pai, Padre afirma que aquele:

se opôs a que eu fosse para África. Dizia, e com razão, que no Brasil também havia ignorância, e que mais valia continuar por ali, junto aos meus, salvando almas e ensinando os índios a ler, do que me exilar num fim de mundo tão distante de Deus.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.61

<sup>33</sup> Idem, p.68



Ainda na perspectiva de buscar compreender a problemática da religião e da crença, o estudo deste romance permite perceber de maneira imaginária as vicissitudes da invasão portuguesa nos reinos de Angola. O narrador contranarra que o contato não foi sempre e totalmente triunfal no lado europeu. Ele destaca os aspectos velados deste confronto de crenças, que não se limita a cristianismo/animismo ou paganismo e/ou de Portugal/Angola. No decorrer na narrativa, toca-se também no islamismo que aparece nas consequências do comércio escravista e também que infectou a imposição do catolicismo europeu. O narrador faz a seguinte afirmação:

foi vendido em Argel a um fabricante de lentes, ocupando-se no polimento destas. Vivendo entre a mouraria não lhe custou fazer-se turco, isto é, renegar a fé em Cristo, que, de resto, tanto mal lhe fizera, convertendo-se à de Maomé. Ao vê-lo muçulmano, o seu senhor libertou-o, prática que me dizem ser comum entre alguns nobres mouros, aos quais repugna escravizar homens de idêntica fé. O português mudou o nome para Abdullah, casou com uma etíope, chamada Aícha, que lhe deu cinco filhos, e pouco a pouco foi-se esquecendo de Évora e de toda a vida passada.<sup>34</sup>

Esse trecho da narrativa insinua que a questão da religião foi mais política, do que divina. Na versão da história, Portugal avança sobre o território angolano com suas políticas expansionistas, com a justificativa de propagar a fé católica, mas em realidade trata-se de extrair riquezas, obter mais terras para o cultivo de cana-de-açúcar, explorar a mão-de-obra escrava e lucrar na venda de escravos até o século XIX.<sup>35</sup> E na versão narrativa em *a rainha Ginga*, por consequência, com a resistência dos subjugados, conseguiram capturar súditos da coroa lusitana que seriam escravizados e vendidos por vingança em África Austral, espaço dominado pela expansão arábica, onde reinou o islamismo. Assim, anotamos falhas nesse processo de colonização e de expansão do catolicismo português, quando a personagem Cipriano Gaivoto, o português que, simbolizando uma entidade do povo lusitano na narrativa, tornou-se Abdullah, nome islâmico, negando o catolicismo e sua identidade em prol de outras crenças culturais, e justificando seu ato através duma reflexão subjetiva: “que o Deus dos cristãos, o Deus dos mouros, o Deus dos judeus, que era, afinal, o mesmo único e irado Deus”.<sup>36</sup> Essas palavras do personagem português defendiam a universalidade de Deus e advogavam a liberdade de culto e de crença de todas as raças, etnias, povos, contrariando a ideologia da Igreja católica ou dos Padres. Ele defendia que:

como Valentino de Alexandria e outros panteístas, que tudo o que existe é Deus, incluindo cada homem e cada pedra, e que esse Deus que somos todos não é nem

<sup>34</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.80

<sup>35</sup> SANTOS et al, op. cit., 2013.

<sup>36</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.81



bom nem mau, ou é tudo isso sem distinção e alheadamente. Deus, disse-me Cipriano, é o que somos dormindo.<sup>37</sup>

Cipriano, logo que descobriu as crenças culturais dos mouros, estabelece uma comparação subjetiva entre os padres e portugueses e os mouros e islamitas. Oposto a sua nação e sua religião, o português reconheceu a ilegitimidade da ação lusitana no processo impositivo do cristianismo. Sustentou a teoria da universalidade de Deus, que é o SENHOR de todos os seres humanos e que apenas adotamos diferentes maneiras de adorá-lo. Ainda, entende-se que, pela boca do personagem português Cipriano, o rejeito da maneira monopolista e exclusiva do catolicismo português como forma de adoração a Deus. Em outras palavras, percebemos que o personagem Cipriano insinua que o catolicismo não é a única religião que permite conectar as criaturas com o grande criador, pois outras formas de cultos também, sobretudo aquelas dos locais, têm a mesma finalidade. Logo, é ilegítimo e desnecessário difamar as crenças culturais de outros povos.

Compartilhando o mesmo pensamento sobre o livre culto e pertencimento a religiões e crenças, o padre José decidiu: “[...]eu fizera uma escolha. O Paraíso deixara de ser para mim algo abstrato e remoto. O Inferno também”.<sup>38</sup> Nessa situação, qual seria o motivo de Padre José, servidor da coroa portuguesa, trair seus cargos e aqueles com quem ele compartilhava a língua e a fé em Jesus Cristo? A resposta a essa questão fica bem clara na narrativa: “[...] Deus deu ao homem o livre-arbítrio. O homem escolhe ir para o Inferno ou para o Paraíso”.<sup>39</sup> Se tal foi o motivo da personagem Padre José, então percebe-se uma insinuação de que nenhuma religião ou/e crença garantiria o paraíso para o homem. Ele (homem) mesmo escolhe ou prepara o seu lugar no outro mundo. Outro motivo, talvez mais forte, foi o amor do padre pela africana Muxima, esposa mais jovem da personagem Domingos Vaz: “O meu destino estava ligado ao de Muxima, para sempre, para além de existir tempo e o veneno do tempo, e não havia pecado nisso, pois não havia pecado. Já não era mais um servo do Senhor Jesus, era um homem livre”.<sup>40</sup>

Ainda no imaginário da narrativa, compreende-se, por boca do narrador, que julgou ilegal e ilegítima a expansão e a imposição do cristianismo nos antigos sertões de Angola, concluindo que “[...] o Senhor Deus, na sua infinita generosidade, criou um ser livre, capaz de escolher, de forma consciente, os seus próprios caminhos. O homem pode optar entre o bem, que é uma emanção de Deus, ou o mal, que é a ausência do bem. Sim, eu conhecia todas aquelas teses. Lera e relera.”<sup>41</sup>

<sup>37</sup> AGUALUSA, 2014, p.81-82

<sup>38</sup> Idem, p.72

<sup>39</sup> Idem, Ibidem.

<sup>40</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit. p.54

<sup>41</sup> Idem, p.83.



Seguindo a narrativa, o narrador destaca as causas ou razões dessa influência religiosa e cultural, enfatizando o estatuto da Igreja católica e os padres como fatores incontestáveis, através de suas ações que incitavam muitas pessoas, tanto o povo subjugado, quanto membros de coroa portuguesa, a abraçarem reciprocamente a religião ou crença cultural do outro. Para compreender as causas dessas influências na narrativa, analisa-se os discursos das personagens sobre a Igreja católica.

O português Cipriano, que logo se tornou muçulmano com nome Abdallah, ciente da ação política da instituição religiosa no reino de “Ndongo”, assim como nos outros reinos, blasfemou que “o erro da Igreja foi ter inventado o Demónio, disse, e assim que o disse me lembrei do meu amigo Domingos Vaz — o que seria dele? — o qual acreditava em impiedades semelhantes.”<sup>42</sup> E sobre as ações da Igreja católica colonial nos reinos, Cipriano Gaivoto e o narrador dialogam ainda no seguinte trecho:

Na opinião de Cipriano, a Igreja só conseguirá triunfar quando, ao invés de aterrorizar os homens com a feiura de Satanás, for capaz de os atrair com o fulgor dos anjos. Fui padre, respondi-lhe, e nunca vi nem anjos nem demónios. Cipriano fixou em mim os pequenos olhos trocistas. Contou que o pai trabalhara em jovem na construção do Mosteiro de Santa Maria de Belém: — O meu pai esculpia demónios — explicou. — O Mosteiro de Santa Maria de Belém, como tantos outros lugares de culto e devoção, está cravado de demónios”.<sup>43</sup>

Esse diálogo destaca a representação imaginária da Igreja e o nível de credibilidade que ela tinha em meio ao povo. Na opinião destas duas personagens, o narrador Padre e Cipriano, o “Demo” ou “Diabo” é pura invenção da Igreja. Para eles, a Igreja Católica está enganando os povos com a teoria das coisas que não existem na realidade. A teoria da igreja católica com a dicotomia “Deus” e “Diabo” perdeu sentido e é banalizado aos olhos dos subjugados que não manifestam nenhum signo de medo ou credibilidade, como mostra a conversa do narrador com um notável do reino Ndongo:

[...] — Os padres não gostam de mim, por que vieste?  
— Já não sou padre. A Igreja expulsou-me...  
— Não te martirizes com isso. Os brancos têm boas obras, mas a Igreja não é uma delas. Porque é que os padres insistem em nos importunar com o seu Deus e o seu Diabo  
— Eles acham que têm o dever de salvar os africanos (...).<sup>44</sup>

A tomada de consciência do povo local sobre o “Deus” e o “Diabo” dos católicos portugueses foi bem sublinhada na narrativa. Para as personagens, essa teoria não é mais um assunto relevante e preocupante, e tem preconceitos sobre as razões dessa insistência dos padres e isso é perceptível se analisarmos a conotação do verbo “achar”, na citação acima, insinua uma ideia de pensamento incerto ou de irrealidade/incerteza da missão dos padres, que pretendem salvar os africanos com a figura de “Deus” e do “Diabo”, que não suscitam mais significação. Na cabeça do Padre, como assinalou

<sup>42</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.111

<sup>43</sup> Idem, Ibidem.

<sup>44</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p. 251-252



Gonçalves, J., “[...]Deus e o Diabo passaram a ser vistos por ele como vazios de significação, instâncias não dignas de crença.”<sup>45</sup> E ele esclareceu que “a existência e universalidade do Diabo é doutrina da Igreja, e os teólogos concordam haver verdade nisso”.<sup>46</sup> É perceptível através dos diferentes discursos dos personagens, ao exemplo do narrador Padre, que, se a Igreja achar que o “Diabo” existiu em todos lugares, e o consideram “[...] inimigo, e apresenta-se de muitas formas, algumas vezes colérico e outras com modos suaves, doce como um cordeiro”,<sup>47</sup> então, seria melhor que os padres comessem a combatê-lo desde o seio da Igreja, que já está sob a influência do Diabo, visto que “sob o falso argumento da salvação de almas, grande parte desses representantes da fé católica aliavam-se aos colonizadores e, assim como eles, por meio do tráfico de escravos e demais irregularidades, enriqueciam.”<sup>48</sup>

Segundo Gonçalves J.,<sup>49</sup> no desenvolvimento da narrativa, constrói-se o discurso segundo o qual o bem e o mal seriam denominações ligadas diretamente às figuras de Deus e do Diabo, respectivamente, impostas aos africanos com o pretexto da salvação, mas, na verdade, eram, muitas vezes, apenas mecanismos para a dominação e, conseqüentemente, mascaravam a ânsia de poder e a ganância. Igualmente, Lacerda<sup>50</sup> pensa que, “tão poderosa quanto a dominação de portugueses e holandeses é a Igreja, enquanto instituição religiosa, pela força de sua ideologia, pela forma como foram manipuladas as ideias que influenciaram mudanças comportamentais e determinaram novas posturas mentais.” Da maneira como está representada na narrativa, o catolicismo europeu alimentou a dominação, os preconceitos, e ajudou a cercear a liberdade de muitos desses povos em nome da fé e da salvação da alma. Além dessas características da Igreja Católica nos reinos, é visível na narrativa a fabulação dos comportamentos discriminatórios dos padres para com os povos locais, através da comparação feita pela personagem Cipriano entre chefes religiosos do catolicismo e do islamismo. Cipriano diz:

Consta que os mouros tratam melhor os cristãos que chegam às suas terras, como cativos ou homens livres, do que os cristãos tratam os mouros. Um cristão que se converta em mouro é logo aceite por eles e tratado como um igual. Nunca ouvi falar em «mouros velhos» e «mouros novos».<sup>51</sup>

As expressões “mouros velhos” e “mouros novos” insinuam as ideias de “discriminação”. Tampouco aqui Cipriano enfatiza a falta de discriminação no seio dos mouros ou islamitas. Com a

<sup>45</sup> GONÇALVES, 2019, op. cit., p.33.

<sup>46</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.30

<sup>47</sup> Idem, Ibidem.

<sup>48</sup> GONÇALVES, 2019, op. cit., p.98

<sup>49</sup> Idem, p.33

<sup>50</sup> LACERDA, 2007, op. cit., p.129

<sup>51</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.149



sua experiência no islamismo, a fé islâmica é percebida pela Cipriano como uma religião onde existiu a tolerância, a igualdade entre os adeptos sem distinção de cor nem de raça, contrariamente ao catolicismo português, onde mesmo os batizados pretos sofrem de racismo, de intolerância por partes dos padres. Como destaca o narrador, que sofreu da intolerância de seus colegas, “todos manifestavam por mim um formidável desprezo, cuspiendo no chão quando me aproximava, e alguns recusavam-se a falar comigo, por me considerarem traidor à raça e à bandeira”.<sup>52</sup> Nessa situação, o narrador proclama: “[...] encolhi os ombros. Deus não me assustava. O Diabo não me assustava. Só temia os homens”.<sup>53</sup> Se buscarmos a história da Igreja Católica, a intolerância e a crueldade dos padres ou chefes religiosos, compreenderemos por que o narrador Padre afirmou ter mais medo dos homens do que de “Deus” e “Diabo”. Na óptica dos pesquisadores:

Essa ideia de agir “em nome de Deus” e cometer atrocidades fundamentadas em Seu nome é tão antiga quanto o próprio catolicismo enquanto instituição. As barbaridades cometidas pela Igreja sob essa justificativa foram inúmeras, dentre elas algumas mais conhecidas como, por exemplo, as Cruzadas na Idade Média, onde o clero persuadiu a população europeia a combater o islamismo e “reconquistar” Jerusalém, cidade natal de Cristo.<sup>54</sup>

Igualmente, os autores acrescentam a afirmação de Harris sobre as catástrofes da Igreja Católica na época medieval:

A Igreja Católica também foi protagonista do episódio conhecido como “caça às bruxas” (também no período medieval) que queimava pessoas vivas – em sua maioria mulheres – em praças públicas sob acusação de coagir com o diabo para destruir o homem cristão. Entretanto, nenhuma dessas atrocidades foi tão bem aproveitada a benefícios próprios por seus fiéis quanto a escravidão de pessoas negras. O clero acreditava que a pele de cor preta dos africanos vinha da linhagem de Cam, filho amaldiçoado de Noé, e que, por esta razão, os mesmos estariam sentenciados à escravidão perpétua, justificando, assim, o cárcere e maus tratos sofridos pelos negros.<sup>55</sup>

Essas afirmações ou reputações negativas sobre a Igreja Católica e sua ação histórica contra as mulheres e os islamitas destacam as prováveis razões de o Padre ter medo dos homens. Teria se informado do percurso fatal dos padres e sua instituição religiosa, de seus pensamentos sobre a cor preta no passado, o Padre declara-se descrente de qualquer crença. Igualmente, imagina a sua fuga da

<sup>52</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.138

<sup>53</sup> Idem, p.111

<sup>54</sup> SANTOS, et al, op. cit., 2016, p.3

<sup>55</sup> Idem, p.3-4.



Igreja católica como forma de busca de paz interior, mas ele será perseguido conforme a sua declaração seguinte:

Os portugueses gostariam de me haver à mão, castigando-me de forma cruel, a mais cruel possível, para que servisse a todos como exemplo do que aguarda um traidor. — Também tu és um traidor — retorqui numa cólera súbita. — Tão traidor quanto eu, ou mais traidor ainda. pois serves não só à Ginga, mas também a sarracenos, abjuraste a Nosso Senhor Jesus Cristo e até mouro te tornaste”.<sup>56</sup>

Entende-se através desta revisão panorâmica da história da Igreja Católica, que sua política de aculturação em favor do cristianismo, sua violência e intolerância para com seus membros criaram consequências nas sociedades que foram dominadas pelos portugueses e no seio da Igreja mesma. Pessoas foram obrigadas a adotar novas identidades. Assim como novas identidades, seja religiosa ou cultural são fabuladas na escrita de Agualusa e construídas como conceitos móveis e variáveis. A personagem Muxima, angolana de origem, adepta da crença cultural ambundo, logo se encontra num grupo social que lhe deu o nome Inês de Mendonça, abraça uma nova religião, como aconteceu com o português Cipriano, batizado Abdullah. Igualmente, essa variação de “identidade” e “nação” em torno das personagens Padre José (Mechior), Cipriano Gaivoto (Abdullah) e Muxima (Inês Mendonça) são os aspectos divergentes e convergentes entre a religião (o catolicismo português) e a crença cultural (tradicional angolana). Anotamos como a integração social das personagens num outro grupo social influenciou de maneira recíproca a crença cultural de ambos os grupos sociais, a saber angolanos e portugueses. Já a integração da personagem Padre ao grupo social dos ciganos é uma forma de enfatizar a influência dos ciganos para com a identidade cultural e religiosa do colonizador português. Para o narrador, é o grupo social em que se encontra que deve determinar a identidade de qualquer pessoa ou esta última deve adotar a identidade ou cultura do seu novo grupo. Então, o homem move-se com uma nova identidade, seja religiosa ou cultural-cultural, cada vez que viveu num grupo social diferente. De Padre José a Melchior Boa-noite ou do português ao cigano, destaca-se o seguinte registro:

Diz o povo que o hábito não faz o monge. É falso. O monge resulta do hábito e do efeito que este provoca nos outros. Um monge é aquele a quem os outros tratam como tal. Continuei a ser padre, mesmo depois de ter perdido a fé, enquanto as pessoas acreditavam nisso — e porque as pessoas acreditavam nisso. Vestido de cigano, já os ciganos me tratavam como a um deles. — Como o vamos chamar? — perguntou Sula. E logo ela própria me batizou: — Melchior, tem cara de Melchior. Vamos chamar-lhe Melchior Boa-Noite, porque tem cara de Melchior e a noite está bonita.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> AGUALUSA, 2014, op. cit., p.117-118

<sup>57</sup> Idem, p.109-110



Padre José, na coroa portuguesa e na igreja católica, é agora Melchior Boa-noite, no grupo social cigano. Nessa variação de identidades no livro, dá para imaginar como os padres no período de colonização se distanciaram de sua religião por causa de seus interesses individuais ou por causa da forte influência da cultura local, como o caso da personagem-narrador. Banido pelos portugueses, o padre José ganhou refúgio no povo Cigano, no contexto de busca de seu amor Muxima.

Em resumo, a representação da presença dos lusitanos e dos religiosos portugueses nos reinos de Angola permite a compreensão das realidades vividas por ambos os povos, portugueses e angolanos, geralmente ocultadas nos manuais históricos europeus. No romance, sob o pretexto da salvação, os padres aculturavam povos, incentivam o comércio dos pretos escravizados objetivando o lucro. Ao analisar a narrativa de Agualusa, descobrimos a figura da igreja católica e dos chefes religiosos caracterizados por Lacerda como “escravistas, ambiciosos, corruptos, mentirosos, fazendo uso da religião para obterem privilégios e serem respeitados: discriminadores: quando muito, omissos.”<sup>58</sup>

Nessa perspectiva, o foco temático de Agualusa na narrativa poderia se pautar na exibição da maldade dos colonizadores-invasores, dos padres e sua instituição religiosa, bem como a resistência desses povos para a preservação de seus valores culturais tradicionais, apesar da grande influência recíproca de um grupo social sobre o outro, que resultou na adoção de diferentes identidades pelas personagens. De acordo com Gonçalves,<sup>59</sup> “a figura desses padres representa o contrário do que se buscou registrar no decorrer da história: os representantes da Igreja foram mais a representação do mal do que do bem na vida dos colonizados”.

### **Considerações finais**

A leitura crítica da narrativa resulta que, na sua missão, o personagem-narrador Padre José conseguiu batizar muitas pessoas nos reinos de Ndongo e Matamba, aculturá-los em termos de prática religiosa e espiritual. Porém, o próprio padre, assim como outras personagens que se identificam católicos e europeus (portugueses), logo se afasta de sua identidade religiosa em favor da cultura angolana, seja por razões lucrativas (as igrejas), seja por interesses pessoais. Assim, resultaram convergências e divergências entre a catolicismo português e a crença cultural dos povos de Ndongo e Matamba. Quando o Padre José deixa de se identificar com a Igreja Católica e, de outro lado, alguns de seus adeptos portugueses, como a personagem Cipriano Gaivoto, e no contexto angolano, a

<sup>58</sup> GONÇALVES, 2019, op. cit. p.78-792

<sup>59</sup> Idem, p.77



Muxima, Ginga Mbandi e sua irmã que aceitavam o catolicismo, assim o romance mostra a convergência entre o catolicismo português e a crença cultural angolana. Ainda outros pontos convergentes, no contexto cultural e religioso, são o casamento de Padre José com a angolana Muxima, sua adaptação ao meio dos ciganos com o nome Melchior; a conversão à mouraria (islamismo) e o casamento de Cipriano Gaivoto (Abdullah) com uma etiope (Aícha). Desses nasceu a hibridização religiosa e cultural. No final das contas, a nossa pesquisa mostrou também as divergências em termo das práticas religiosas e espirituais entre angolanos e portugueses. O culto dos ancestrais, o trabalho dos curandeiros e a feitiçaria recorrentes na cultura desses povos, ou seja, na prática cultural dos povos dirigidos pela Ginga Mbandi, são considerados pelos religiosos portugueses como obras satânicas, enquanto os angolanos viam os milagres e mistérios dos católicos como puras magias ou evocação aos demônios.

Este trabalho contribui ao debate sobre as religiões monoteístas e as crenças culturais tradicionais, conceitos que ainda estão nas pautas de discussões nas sociedades. Hoje, por princípios religiosos e culturais, divergem povos, nações e populações, dando lugar à violência e à intolerância. A revisão das práticas culturais dos reinos de Ndongo e Matamba perante o catolicismo impositivo sustenta e fortalece a prática de todas as religiões de matriz africana que sofrem de preconceitos e intolerância.

### Referências Bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*. Portugal: Quetzal, 2014.
- CAMERANO, Ana Claudia Santos et al. *A invisibilidade das narrativas africanas em relações internacionais: o caso da Rainha Nzinga*. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (Dissertação de Mestrado), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188593>. Acesso em 15/03/2023.
- CARVALHO, Flávia Maria. “O Reino do Ndongo no Contexto da Restauração: Mbundus, Portugueses e Holandeses na África Centro Ocidental”. *Sankofa* (São Paulo), v. 4, n. 7, p. 7-28, 2011.
- FERREIRA, Helena; FERREIRA, Aline. “A Rainha Ginga—o quer não se deixa colonizar.” *Moderna språk*, v. 112, n. 1, p. 153-164, 2018.
- GONÇALVES, Jéssica Pereira. “Releituras dos primórdios da colonização de Angola nos idos do século XVII em A rainha Ginga, de Agualusa e a Sul. O sombreiro, de Pepetela.” Universidade Federal da Paraíba: Dissertação de Mestrado, 2019. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3428/2/TCC%20-%20J%C3%89SSICA%20PEREIRA%20GON%C3%87ALVES.pdf>. Acesso em 15/03/2023.



MACEDO, José Rivair. “Jagas, Canibalismo e “Guerra Preta”: os Mbangalas, entre o mito europeu e as realidades sociais da África Central do século XVII.” *História (São Paulo)*, v. 32, p. 53-78, 2013.

MINUZZI, Luara Pinto. (Resenha) AGUALUSA, José Eduardo. “A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo”. Rio de Janeiro: Foz, 2015. 236 p. *Navegações*, v. 9, n. 2, p. 200-202, 2016.

SANTOS, Atenor J.P., Lourêdo, Gabriela F. e Souza, Heloizza K. “Exploração portuguesa na África colonial: cristianismo como forma de dominação e estratégia política dos reis africanos.” VIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. ANPUH BA, FEIRA DE SANTANA, 2016. Disponível em:  
[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1474756381\\_ARQUIVO\\_ExploracaoportuguesaAfricaColonialcristianismocomoformadedominaçaoeestrategiapoliticadosreisafricanos.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1474756381_ARQUIVO_ExploracaoportuguesaAfricaColonialcristianismocomoformadedominaçaoeestrategiapoliticadosreisafricanos.pdf). Acesso em 03/01/2023.

Silva, Edgleice S. “Mundos que se entrelaçam: religião e política na África Centro Ocidental (século XVII).” Universidade Federal de Juiz de Fora (Dissertação de Mestrado), 2018. 2018, p.50-51  
Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7899>. Acesso em 15/03/2023.